



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

Reduzir a complexidade na avaliação da diferença urbana. O papel dos materiais imagéticos na familiarização com a cidade e nas narrativas de sucesso entre residentes urbanos recém-chegados

Autoria: Tilmann Heil (KU Leuven)

Como os recém-chegados consomem e produzem materiais imagéticos para entender a complexidade urbana do Rio de Janeiro e representar seu próprio lugar dentro dela? Desde 2014, tenho trabalhado com recém-chegados espanhóis e senegaleses no Rio de Janeiro, online e offline. Interessado em suas formas de entender e avaliar as múltiplas hierarquias sociais intersectantes que atuam no espaço urbano, este work explora o papel dos materiais imagéticos que meus interlocutores consomem e compartilham em suas plataformas de mídia social, como o Whatsapp e o Instagram. Como os olhares que estes materiais fornecem são, na melhor das hipóteses, parciais, defendo que os recém-chegados lançam mãos de fontes imagéticas para reduzir a complexidade que eles encontram na vida quotidiana nos vários espaços urbanos em que circulam e que, de outra forma, seria esmagadora. Rastreio teoricamente a capacidade do material imagético em reduzir a complexidade ao visualismo ocidental que se perpetua no predomínio do visual sobre outras actividades perceptivas. Argumento que esses materiais imagéticos atuam em dois momentos-chave para reduzir complexidade: primeiro, ao tomar os passos iniciais de busca de orientação em um novo lugar, e, segundo, ao comunicar seletivamente a própria trajetória através do tempo e do espaço dados. Na primeira parte do artigo, investigo o consumo de material visual à chegada dessas pessoas. Ao analisar dois exemplos, as representações visuais da "cidade maravilhosa" e da violência e do crime, exploro a primeira capacidade redutora das fontes imagéticas que reforçam os estereótipos problemáticos. Em seguida, contextualizo esses exemplos em narrativas que mostram como as pessoas sentiram a necessidade de superar essas reduções para realmente viver. Na segunda parte, interrogo a produção de novos materiais imagéticos, a fim de comunicar a realização exitosa da vida desejada. Grande parte da luta e das dificuldades é filtrada. Esta



segunda capacidade redutora emerge da discussão de dois outros casos etnográficos: o da documentação fílmica de eventos religiosos senegaleses e o das transmissões pessoais no Instagram dos espanhóis. A minha análise mostra como os materiais imagéticos tornam as complexidades urbanas mais acessíveis à medida que mascaram a complexidade que poderia sobrecarregar os recém-chegados. Ao mesmo tempo, esses recém-chegados contam com a mesma capacidade das fontes imagéticas para, eventualmente, contar suas histórias igualmente seletivas de vida urbana. Ambas as reduções contribuem para a avaliação da diferença urbana e das hierarquias de poder e das condições estruturais de raça, classe e gênero e suas interseções, nas quais essas hierarquias se baseiam.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: